

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O Núcleo Bandeirante, cidade que resultou do maior dos acampamentos de construtores de Brasília, inicia, hoje, as comemorações de seu 34º aniversário. Os festejos se estenderão até 21 de dezembro, quando grande baile fechará calendário de comemorações capaz de misturar dança infantil, campeonato de kung-fu, ginástica rítmica, bandas de rock de nomes sonoros (Preconceito Social e Sexaposto), missa, forró e *ballet* clássico. Nada, porém, de grande relevo.

Afinal, o Núcleo Bandeirante é hoje uma cidade pacata, de 50 mil habitantes, que vive relação de amor e desamor com as lembranças dos anos pioneiros. Em 59 e 60, o acampamento era uma usina de sonhos e euforia. Candangos chegados de todo País se alojavam, em maioria, na então Cidade Livre. Seus forrós eram famosos (Luiz Gonzaga tocou em muitos deles). Em suas ruas corria muito dinheiro e a prostituição denunciava a falta de mulheres em terra de aventureiros.

Quando Brasília foi inaugurada, a Cidade Livre entrou em compasso de espera. A ordem era desativá-la, pois ficava muito próxima ao Plano Piloto. Supunha-se que os candangos regressariam a Minas, ao Nordeste, ao Norte. Mas não. Sentimento nativista brotou forte e, liderados por Joaquim Cândido Garcia Neto, os pioneiros conseguiram, em 62, transformar a Cidade Livre em Núcleo Bandeirante.

Ninguém pense, porém, que os pioneiros continuam dando as cartas na cidade. Não dão mais. A Casa do Pioneiro, plantada às margens de um córrego fétido, abriga "provisoriamente" — há três anos — a Biblioteca Comunitária. Os barraquinhos de dois andares, marca registrada do engenheiro e arte dos primeiros habitantes, são raros. É preciso procurar bem para encontrar um ou outro. Não vingou a idéia de se preservar um quarteirão inteiro da antiga Cidade Livre, de forma que as novas gerações pudessem relembrar, ao vivo, o maior dos acampamentos pioneiros.

Para se ter idéia clara de que o passado heróico virou apenas "um retrato na parede", vale levar em conta o *slogan* do 34º aniversário: "O Núcleo Bandeirante Rumo ao Ano 2000". O administrador regional Glauco Alves Lacerda, animado com os festejos, comenta: "Não podemos viver de passado, não é mesmo?". E acrescenta: "Gosto de patrimônio histórico e me preocupo em preservá-lo, mas ninguém pode viver só em função da memória, dos bens tombados".

Este pensamento, que mira rumo ao futuro, é a base de sustentação das modificações que marcam, hoje, a face do Núcleo Bandeirante. A especulação imobiliária avançou, com tal voracidade, sobre suas quadras, que, hoje, não há mais espaços disponíveis em áreas de fácil acesso, para a construção de centros culturais ou cinemas.

Delegacia — A área reservada num dos mapas do Núcleo Bandeirante para a construção de um cine-

Resistência Bandeirante

A cultura na histórica Cidade Livre cumpre sua paixão pioneira para evitar, de vez, a descaracterização local e a perda de identidades



Fotos: Marcio Batista

A pressão é explícita na cidade que melhor traduz a aventura de Brasília e paga o preço dos aventureiros do progresso

ma foi ocupada por dois hotéis modernos. Acuada, os agitadores culturais dirigiram seus olhos a local inusitado: a 11ª DP. Isto mesmo, a Décima-Primeira Delegacia de Polícia.

Antônio de Sousa, o "Tonico", 38 anos, tesoureiro do Cineclub Arte Livre, o mais ativo grupo cultural da cidade, diz que "até os policiais e funcionários da Delegacia concordam em vê-la transformada numa Casa de Cultura". Isto porque, acrescenta, "a comunidade não está satisfeita em ter uma delegacia em área nobre e central. Os policiais reclamam de falta de estacionamento e confessam que ficariam satisfeitos se fosse construída, na periferia da cidade, uma delegacia maior".

"Numa das visitas do então governador Joaquim Roriz ao Núcleo Bandeirante (projeto *Governo Itinerante*)", lembra "Tonico", "nós entregamos a ele documento assinado por dezenas de entidades comunitárias

onde uma das reivindicações, endossada por todos, é a de transformar a Delegacia em Casa de Cultura". Com a volta do governador ao comando do GDF, "Tonico" acredita que "ele atenderá esta reivindicação".

O administrador regional Glauco Lacerda, porém, tem outra proposta. "Entre a sede da Administração e o Ginásio de Esportes, há uma área verde de boas dimensões. Nosso projeto é construir ali um centro cultural capaz de abrigar a Biblioteca Comunitária, uma sala de cinema, uma galeria, enfim, os equipamentos que os artistas locais reivindicam com frequência".

Carência total — Volmi Batista da Silva, 33 anos, presidente do Cineclub Arte Livre, não se cansa de clamar por novos espaços culturais. "Afinal", constata, "o Núcleo Bandeirante não dispõe de nenhum cinema, nenhum teatro, nenhuma galeria".

O espaço que tem servido de sede provisória do Arte Livre é a UCC

(Unidade Cívica Cultural), um dos equipamentos do complexo de edificações que compõem a sede da Administração Regional. Sob o nome patriótico, esconde-se (a construção insere-se no mesmo nível dos jardins) um simpático auditório de 80 lugares, com cabine para projeção de filmes na bitola 16 milímetros.

Desde 1987, quando foi fundado, o Cineclub Arte Livre vem funcionando na UCC. Está, porém, parado há seis meses. "O administrador regional que antecedeu o Doutor Glauco", denuncia Volmi, "não queria saber de nosso trabalho. As dificuldades foram tantas e tão dissimuladas, que acabamos paralisados".

Hoje, garante Volmi, "o administrador mostra-se sensível às nossas reivindicações. Tanto é que começará pelo Núcleo Bandeirante (na UCC) o projeto *Participa da Magia do Cinema*, série de oficinas sobre Cineclubismo". A abertura do curso acontecerá no próximo sábado, 17, e pros-

seguirá ao longo de cinco semanas. Os participantes assistirão a conferências sobre História do Cinema, História do Cineclubismo, programação de circuito alternativo e projeção de filmes.

O Cineclub Arte Livre é, atualmente, o único no gênero, no Distrito Federal. Mesmo assim, está há seis meses sem promover sua atividade-fim; ou seja, a exibição de filmes.

Esporte e Turismo — E é aí que entra na história o cruzeirense Luís Carlos Barcelos Hogen, 35 anos, titular da Divisão de Desporto, Lazer e Turismo da Administração. "Faço o que posso", garante ele, "para atender às reivindicações do movimento cultural organizado do Núcleo Bandeirante. Mas é preciso deixar claro que as promoções culturais são de responsabilidade da Secretaria de Cultura do DF". Que aliás, acrescenta, "está numa fase muito boa, pois o secretário Márcio Cotrim é uma pessoa muito dinâmica".

"Minha Divisão tem por razão principal cuidar dos esportes, do lazer e do turismo. Tanto é que estamos aqui, no Ginásio de Esportes, nosso principal espaço", avisa.

É o diretor da DDLT, sigla familiar ao movimento cultural (mesmo que não se responsabilize, do ponto-de-vista legal, por ele) que está organizando os festejos do 34º aniversário. Daí o enorme número de atrações esportivas da festa.

— Não nos esqueçamos das atrações culturais. A programação é intensa e reunirá bandas no Projeto *A Praça é da Banda*, o forró do Jamelo e os Cobras do Baião, o rock dos grupos Sexaposto e Preconceito Social, e a música sertaneja de Beto e Braga. Convidei até o *ballet* clássico e jazzístico da Academia Peixoto para compor os festejos.

A relação de Volmi e Luís Carlos varia do amigável ao tenso. O presidente do Cineclub Arte Livre cobra "maior apoio da Administração Regional à criação de novos espaços culturais e programação permanente de filmes na UCC; a transferência definitiva da Biblioteca Comunitária para um local definitivo e de fácil acesso e promoção do Festival de Música do Núcleo Bandeirante, interrompido na quinta edição".

O diretor da Divisão de Desporto, Lazer e Turismo rebate: "Nós não somos produtores culturais, nem temos recursos para atender a todos os anseios da comunidade. Estamos aqui, abertos a grupos comunitários organizados, que nos tragam projetos claros, viáveis e com previsão de custos".

O ponto maior de atrito se liga à patriótica União Cívica Cultural, o simpático auditório que se transforma em palco das sessões do Arte Livre.

"Não podemos", garante Luís Carlos, "ceder o espaço para o Cineclub, com frequência. Afinal, há empresários interessados em investir no Núcleo Bandeirante. A Camargo Correa, por exemplo, precisamos, então, do auditório para nossas reuniões e conversas".

Volmi protesta: "Vê se pode! O único espaço cultural da cidade prefere sediar reunião com empresários, que pode acontecer em qualquer gabinete, a abrigar uma mostra ou oficina cinematográfica".

Memória — Volmi e Tonico preocupam-se muito com a memória histórica do Núcleo Bandeirante e lamentam que a especulação imobiliária esteja fazendo *terra arrasada* de tudo que os pioneiros construíram. E denunciam "convivência de alguns administradores regionais".

"Pode parecer inacreditável", conta Volmi, "mas a história que vou relatar se passou dentro da Administração Regional há algum tempo: o pintor Jorge Escripi, com apoio do Executivo local, promoveu *Concurso de Artes Plásticas*, cujo tema era a memória do Núcleo Bandeirante. Os trabalhos premiados foram para o acervo da Administração. Parece que um dos administradores (Volmi garante que não é o atual) não gostou da estética dos quadros e mandou retirá-los de lá. Só que não se sabe para onde".